



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO

ROSIANE EMILIA DA SILVA GUSMÃO

**LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO DE CRIANÇAS: UMA ABORDAGEM SOBRE
O USO DE LITERATURAS INFANTIS POR PROFESSORES DOS ANOS
INICIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL DE RECIFE**

Recife

2023

ROSIANE EMILIA DA SILVA GUSMÃO

**LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO DE CRIANÇAS: UMA ABORDAGEM SOBRE O
USO DE LITERATURAS INFANTIS POR PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS
NO ENSINO FUNDAMENTAL DE RECIFE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 29/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jaileila de Araújo Meneses
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Rejane Dias
Universidade Federal de Pernambuco

MSc. Keise Barbosa da Silva
Universidade Federal Rural De Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco

LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO DE CRIANÇAS: UMA ABORDAGEM SOBRE O USO DE LITERATURAS INFANTIS POR PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL DE RECIFE

Rosiane Emilia da Silva Gusmão¹

Jaileila de Araújo Meneses²

RESUMO

Este artigo buscou identificar, através de entrevistas semiestruturadas com professores dos anos iniciais de três escolas da zona oeste da rede Municipal de Recife, ações desenvolvidas que proporcionam o letramento racial crítico dos estudantes, assim como também as possibilidades e os desafios que os docentes enfrentam com as atividades antirracista e a repercussão do letramento racial crítico na construção de uma sala de aula antirracista. A presente pesquisa chegou à conclusão que existe racismo também nas famílias, portanto, as formações continuadas das professoras sobre a temática são essenciais para qualificar e sustentar a construção com toda a comunidade escolar antirracista, logo, a multiplicidade de expressão do racismo precisa ser abordada. O uso de livros de literatura infantil como ferramenta para o letramento racial crítico das crianças é de extrema importância para a representatividade negra na promoção do autorreconhecimento.

Palavras-chave: Literatura infantil – Letramento – Antirracismo

1. INTRODUÇÃO

A desigualdade social entre as raças no Brasil é um fenômeno histórico que é naturalizada pelo racismo estrutural, é um processo de exploração e dominação que teve origem com a escravização dos povos africanos trazidos para o Brasil.

Para desenvolver a percepção destas desigualdades sociais, tendo a raça como principal motivo, o letramento racial crítico proporciona a reflexão sobre como a raça e o racismo têm impacto nas relações sociais. Nas palavras de Ferreira:

“Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais. (FERREIRA, 2015, p. 138)

Como forma de combate ao racismo, a sociedade brasileira tem criado mecanismos como leis que buscam garantir essa igualdade: a Lei 11.645/2008 e a Lei

¹ Concluinte do curso de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE turma 2023.1. rosi.gusmao20@gmail.com

² Professora do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação – Centro de Educação – UFPE.

10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena; e a Lei 12.288/2010 que busca garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades através do Estatuto da Igualdade Racial, com a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos, o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Baseado nessa perspectiva da defesa dos direitos da população negra, o presente artigo pretende discutir a literatura infantil antirracista no processo de letramento racial crítico de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. O foco específico é abordar a discussão sobre a raça, combate ao racismo e o autorreconhecimento destas crianças através de literaturas infantis que abordam a temática. Pois, de acordo com MUNANGA (2009, p. 38) “Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psicologicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano "normal"”.

A apresentação de obras literárias onde as crianças percebam personagens com os quais se identificam e se reconhecem, proporcionam o reconhecimento da identidade, traz um sentido de pertencimento a um determinado grupo social de referência. Sendo assim, as literaturas infantis que abordam personagens não hegemônicos como referência são instrumentos que trazem uma possibilidade de discussão sobre raça e o reconhecimento racial destas crianças.

É de fundamental importância o papel da escola e do docente na construção desse letramento racial dos alunos, pois é um dos principais espaços onde as crianças terão acesso ao tema e a abordagem se faz necessária para a construção e reconstrução de identidade e reconhecimento racial. O letramento racial precisa ser uma ação educativa constante e não limitada à momentos específicos como o Dia da Consciência Negra e esquecido no restante do ano letivo.

Através de referências positivas do protagonismo negro presente nas literaturas infantis, os alunos terão acesso à cultura do povo negro como referência e deixarão de ter acesso apenas às referências de subordinação e servidão da população negra que além de ter sido escravizada e explorada por muito tempo em nosso país, ainda continua sendo vitimada pelo racismo. A literatura infantil pode ser utilizada como importante material de apoio na construção do letramento racial crítico.

Como mulher branca em um casamento interracial e mãe de duas filhas negras, o meu interesse pela temática surgiu a partir de situações vivenciadas e conversas na família sobre questões raciais e desigualdades sociais. Pois, estas conversas em família fizeram meu marido se reconhecer como um homem negro aos quarenta anos de idade, e até então se descrevia como moreno.

Como estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, vivenciando um currículo universitário de formação inicial docente, estudamos vários textos sobre a temática do racismo e como as características físicas como cor da pele, tipo de cabelo, traços do rosto podem determinar as oportunidades profissionais e espaços a qual podemos ter acesso.

Com base na minha vivência pessoal e formação inicial no ensino superior, considero a pesquisa sobre o tema bastante relevante para a profissão docente, pois percebo que há muitas pessoas que não se reconhecem como pertencentes a uma raça, dessa maneira, não conseguem identificar seu papel na construção de uma sociedade antirracista e no combate a hierarquização social das raças.

A partir destes indicativos gerais, a pergunta que mobiliza essa pesquisa consiste em: *Como professores dos anos iniciais do ensino fundamental de Recife realizam atividades com o objetivo de promover o letramento racial crítico de crianças através das literaturas infantis buscando um empoderamento sobre suas identidades raciais?*

A presente pesquisa tem como objetivo geral **relacionar** ações desenvolvidas por professores dos anos iniciais do ensino fundamental que proporcionam um letramento racial crítico dos estudantes utilizando literaturas infantis. E como objetivos específicos: **Identificar** ações desenvolvidas por professores dos anos iniciais do ensino fundamental que proporcionam letramento racial crítico dos estudantes; **analisar** possibilidades e desafios docentes para o trabalho com a literatura infantil antirracista; **compreender** as repercussões do letramento racial crítico na construção de uma sala de aula antirracista.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RAÇA E RACISMO

A história das raças está ligada à constituição econômica e política das sociedades contemporâneas, sempre com a presença de conflito e poder. Dessa maneira, racismo consiste na hierarquização das raças.

Foram, portanto, as circunstâncias históricas de meados do século XVI que forneceram um sentido específico à ideia de raça. A expansão econômica mercantilista e a descoberta do novo mundo forjaram a base material a partir da qual a cultura renascentista iria refletir sobre a unidade e a multiplicidade da existência humana. Se antes desse período ser humano relacionava-se ao pertencimento a uma comunidade política ou religiosa, o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no homem universal (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas. (ALMEIDA, 2019, p.18)

Como sabemos, o conceito de raça não é biológico, a raça é um elemento essencialmente político utilizado para naturalizar as desigualdades e legitimar segregação e genocídio de grupos historicamente subalternizados. O conceito de raça serviu para o colonialismo Europeu como uma das tecnologias de destruição e submissão dos continentes dominados, utilizando sempre a desumanização das culturas não hegemônicas para justificar epistemicídios e todo um arsenal de práticas discriminatórias.

Mesmo após a abolição da escravidão, o racismo moderno teve o reforço pseudocientífico das teorias biológicas de raça, onde serviu como apoio ideológico para justificar a opressão colonial sobre a população negra. Eram utilizadas características biológicas (como cor da pele, tipo de cabelo e traços do rosto) e étnicos culturais (como origem geográfica, língua, costumes e religião) para reforçar a inferiorização da identidade racial negra e estabelecer a hierarquia racial da supremacia branca.

O racismo tem um caráter sistêmico e se materializa de diversas formas, podendo ser por meio de privilégios e subalternização que se distribuem para os grupos raciais nas relações cotidianas, na política e na economia, portanto, o racismo é um elemento que integra a organização política e econômica da sociedade, “O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdades e de violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 16)

O racismo, o preconceito racial e a discriminação racial são coisas distintas: segundo Almeida (2019, p. 23) “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem”. O preconceito é o juízo com base em estereótipos de determinados grupos de raças que podem ou não resultar em práticas de discriminação, assim, a discriminação racial é o tratamento diferenciado a determinado grupo por motivo da raça.

O racismo, segundo Almeida (2019) pela concepção individualista, é concebido como uma anormalidade ou patologia do indivíduo, portanto, o racismo é atribuído ao indivíduo sendo considerado um ato individual e que deve ser combatido pela forma legal, através de sanções impostas pela lei.

Atitudes, práticas ou comportamentos racistas como o uso de fantasias, adereços ou piadas que são justificadas como forma de entretenimento, são consideradas racismo recreativo, pois, perpetuam a discriminação racial e estereótipos que desrespeitam grupos étnicos. De acordo com Moreira (2019), pelo fato de que manifestações de racismo são moral e legalmente condenadas, e demonstrações explícitas de ódio e desprezo por motivo da raça não são toleradas e podem ser configurados crime de racismo, o racismo recreativo permite a propagação de estereótipos que buscam legitimar práticas discriminatórias contra os negros. É uma forma de expressar através do humor a hostilidade por minorias raciais e afirmar que não são racistas.

O crime de racismo é imprescritível e inafiançável. A pena pode ser aumentada em algumas situações como: se for cometida por duas ou mais pessoas; com intuito de descontração, diversão ou recreação; praticada por funcionário público no exercício de sua função ou se for cometida contra menores de dezoito anos. A legislação brasileira passou a tipificar a injúria racial como racismo em janeiro de 2023, através da Lei 14. 532/23 que altera a Lei 7.716/89. Injuriar consiste em proferir palavras com intuito de ofender a dignidade ou decoro, em razão da raça cor, etnia ou procedência nacional. Também alterou o código penal atribuindo ao crime de racismo a pena de dois a cinco anos de prisão e multa.

De acordo com Almeida (2019), sob a perspectiva de racismo institucional, as instituições proporcionam essa desigualdade de forma sutil, atribuindo poder a determinado grupo e produzindo impedimentos e ausência de reconhecimento a outros, baseado no privilégio da branquitude. O domínio ocorre através de parâmetros discriminatórios baseados na raça, são atos da comunidade branca contra a comunidade negra, através de imposição de padrões que dificultam a ascensão de negros. Este tipo de racismo recebe menos condenação pública, pois tem origem em operações de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade. Sendo assim, as instituições não criam o racismo, reproduzem o racismo presentes na sociedade.

Do ponto de vista histórico e cultural, racismo é estrutural e decorre da estrutura social com desigualdade política, econômica e jurídica. O racismo individual e institucional é o reflexo de uma sociedade racista, onde o racismo é normalizado, dessa maneira, grupos racialmente identificados são discriminados de forma sistemática. Em sua dimensão política, o racismo influencia a organização da sociedade e seu eficaz enfrentamento depende do poder político e das políticas públicas. Em sua dimensão histórica, as características biológicas e culturais só são significantes em determinadas circunstâncias históricas, com isso, as classificações raciais foram importantes para definir as hierarquias sociais e legitimar as estratégias de desenvolvimento econômico.

Há uma corrente ideológica que tenta negar que haja preconceito racial no Brasil, tentando pregar uma ideia de igualdade sobre o argumento de que há uma democracia racial. Nas palavras de Gomes (2005):

O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial. (p. 57)

Para perpetuar o racismo, tem-se tentado elaborar respostas racionais para a desigualdade de poder na tentativa de normalizar a discriminação e desigualdade pregando uma falsa democracia racial. Segundo Gomes (2005) a escola e os professores têm um papel importante no debate sobre racismo, construindo práticas pedagógicas e estratégias para promover uma igualdade racial. Dessa forma, algumas práticas são importantes para superar o racismo, é necessário que haja o

ensino sobre conhecimento da história, cultura africana e afro-brasileira, como também superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo, a discriminação racial e implementar ações afirmativas.

A luta antirracista envolve políticas públicas e ações afirmativas que visam acabar com essa desigualdade de poder racial. Para enfrentar a condição de subalternização das minorias, a representatividade é importante, pois, a presença de pessoas não brancas em posições de poder e destaque é essencial.

Segundo SCHUCMAN (2014), a partir dos anos 90 do século passado, nos Estados Unidos, o enfoque dos estudos sobre raça foi redirecionado, com isso, foi construída a noção de raça para os brancos, foram desenvolvidos estudos críticos sobre a branquitude, termo utilizado para naturalização dos privilégios dos brancos. Os debates sobre raças não abordavam a raça branca, como se essa não existisse e o conceito de raça coubesse apenas ao outro, ao negro, já que o branco se posicionava como padrão.

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso de recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder fundamentais, concretas e subjetivas em que as diferenças raciais se ancoram. (SCHUCMAN, 2014, p. 84).

Um dos diversos privilégios dos brancos é o silenciamento sobre seus privilégios, sendo atribuído apenas ao negro o problema do racismo. É necessário que haja estas discussões para que todos tenham consciência de seus papéis no combate ao racismo. Assim, os brancos precisam reconhecer seu lugar de privilégio e seu papel na luta antirracista para a construção de uma sociedade mais igualitária.

2.2 LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

O conceito de letramento racial crítico teve início nos Estados Unidos pela antropóloga afro-americana France Winddance Twine. No Brasil, o conceito de letramento racial crítico tem sido difundido pela professora e escritora Aparecida de Jesus Ferreira, com um trabalho sobre autobiografias para abordar o tema do racismo e do letramento racial crítico.

Autora de vários livros, dentre eles o livro “As bonecas negras de Lara” (2017) que traz uma história de três crianças que brincam com bonecas pretas, Aparecida de Jesus Ferreira fala da importância da representatividade para as crianças negras. Professora da UEPG, ela tem doutorado e pós-doutorado pela Universidade de Londres. Como pesquisadora têm vários artigos publicados que abordam a construção da identidade racial. Ela aborda o letramento Racial crítico através de autobiografias, pois, tanto o negro quanto o branco podem se sensibilizar ao ouvir o relato do outro, permitindo se colocar no lugar do outro.

Uma educação antirracista nos proporciona a reflexão sobre como o racismo tem impacto em nossa identidade e em nossas relações sociais, levando-nos a reconhecermos os privilégios e a exclusão com base no princípio de inferioridade e superioridade das raças.

O letramento racial crítico consiste em desenvolver a capacidade de identificar práticas e códigos racializados, percebendo os privilégios da branquitude; entendendo o racismo como problema atual e não só restrito ao período histórico da escravidão, pensando criticamente sobre estas relações de poder para que possamos colaborar para uma sociedade mais equânime e mais justa, pois, as identidades raciais resultam de práticas sociais e são aprendidas. “Vale dizer que, para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para refletir sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar em todas as disciplinas do currículo escolar.” (FERREIRA, 2014, p. 250)

3.3 LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE RACIAL

Segundo Ribeiro (2021 p.36) “a literatura infanto-juvenil surgiu com o objetivo de disciplinar as crianças para quando se tornassem adultos” e, a partir do entendimento das diversas fases de desenvolvimento das crianças, os livros infantis se adaptaram e se afastaram do caráter pedagógico e passaram a ter o objetivo de entreter, se adequando aos estágios de desenvolvimento das crianças. A literatura expressa as vivências humanas, e nessas histórias é importante que o indivíduo se sinta representado nas obras lidas, sendo importante essa representação para uma construção e afirmação da identidade.

A literatura infantil pode contribuir para reproduzir padrões e favorecer, ou não, determinada identidade ou cultura, fornecendo modelos socioculturais específicos, transmitindo valores, ideologias, estereótipos, não apenas na linguagem verbal, como também nas ilustrações, pois muitas vezes há um racismo velado e está disfarçado de brincadeiras ou expressões que trazem um sentido pejorativo.

De acordo com Gomes (2005) a identidade é construída socialmente através de relações e referências culturais, assim como se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. “Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana.” (GOMES, 2005, p. 41)

Para proporcionar um empoderamento às crianças e discutir sobre raça e racismo, a literatura infantil pode ser utilizada como uma importante ferramenta para crianças reconstruírem suas identidades raciais.

Deste modo, a Literatura Infanto-Juvenil não deve ser compreendida como apenas entretenimento ou apenas educadora, mas, como a união de ambos, já que seu público-leitor está em formação e as experiências descritas nos livros ajudarão no desenvolvimento de sua identidade, bem como na construção de habilidades sociais, emocionais e cognitivas, pois, a partir da leitura crianças e adolescentes entram em contato com novos mundos, tempos e modos de agir. (RIBEIRO, 2021, p. 38)

No combate ao racismo, é importante que crianças negras se vejam representadas positivamente nas literaturas para construir suas identidades, pois é uma construção social, histórica, subjetiva e cultural. Nas palavras de Gomes (2005):

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (p. 43)

A escola tem responsabilidade social e educativa de compreender, respeitar e lidar positivamente com a construção da identidade negra e das outras identidades, que também são erigidas durante a trajetória escolar dos sujeitos que atuam no processo educativo.

De acordo com Santos (1996) a cultura é uma produção coletiva, mas os benefícios e o controle são feitos pelos grupos que dominam o processo social. A

diversidade humana é composta por diferentes formas de corpo, cores de pele, tipos de cabelo, formatos dos olhos, com isso, as relações de poder e dominação política e cultural nos ensinam a hierarquizar as diferenças, colocando no topo como sendo superiores as características do grupo dominante. “É por isso que dizemos que as diferenças, mais do que dados da natureza são construções sociais, culturais e políticas.” (GOMES, 2005, p. 51).

No dia 18 de abril é comemorado o dia do livro infantil em homenagem ao escritor Monteiro Lobato, pois era dia que se comemorava seu aniversário. Considerado o patrono da literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato foi um dos primeiros autores a produzir literaturas para o público infantil no Brasil, porém, têm-se levantado críticas ao autor por estereótipos e racismo em suas obras. Há grupos que demonstram resistência às críticas feitas ao autor, pois, Monteiro Lobato é um importante escritor e o racismo presente em suas obras são relativadas ou negadas devido sua importância literária, em sua defesa foi usado o argumento de que os escritores representavam seu tempo e na época não se falava em racismo.

De acordo com FERES, NASCIMENTO, EISENBERG (2013) apesar de alguns especialistas retratarem na mídia a opinião contrária ao fato de Monteiro Lobato ser racista, há evidências suficientes que confirmam esse fato, pois Lobato foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e amigo pessoal de Renato Kehl e Arthur Neira que eram expoentes da eugenia no Brasil. Além do que Lobato expressava seus pensamentos eugenistas através seus textos públicos e privados que propunham melhoramento da raça. Nas obras de Monteiro Lobato há várias referências pejorativas aos negros. Em uma de suas obras “O presidente negro” (Lobato, 2008) publicado pela primeira vez em 1926, o personagem principal sugere a esterilização dos negros para pôr fim a raça negra. Assim como em outras obras, nos livros de literatura infantil escritos por Monteiro Lobato também há racismo.

a literatura infantil de Lobato é eivada de referências pejorativas à Tia Nastácia, e a outros personagens negros. Caçadas de Pedrinho contém os trechos supracitados, nos quais ela é chamada de “macaca de carvão”, e o fato de ter “carne preta” é tomado claramente como sendo uma característica de inferioridade. Mas isso não é tudo. Em Caçadas, Lobato refere-se à Nastácia frequentemente de maneira pejorativa e desmoralizante, como, por exemplo: “resmungou a preta, pendurando o beijo”; “dizia a preta”; “tornou a preta”; “a pobre preta”; ou quando a descreve assustada, “de olhos arregalados do tamanho de xícaras de chá”. (FERES, NASCIMENTO, EISENBERG 2013 p.84)

A presença de literaturas infantis clássicas nas salas de aula é uma problemática onde percebemos a necessidade do letramento racial crítico dos professores para que possam mediar e desenvolver o pensamento crítico sobre as obras, assim, proporcionar o letramento racial crítico nas crianças.

As atividades que utilizam a leitura na sala de aula para combater o racismo podem ser importantes ferramentas. Através da mediação da leitura de um livro infantil, trabalhando a valorização das características físicas das crianças e através de rodas de conversa, compartilhando fatos do cotidiano, da família, da escola, aprimorando atitudes de valorização e respeito às diferenças. Podemos também propor a dramatização de peças infantis ou declamação de poemas para valorizar a cultura afro-brasileira.

4. METODOLOGIA

Tendo em vista que o presente estudo tem como objetivo principal relacionar teoricamente os conceitos de letramento racial de crianças através de literaturas infantis, como forma de empoderamento com a abordagem de personagens negros como referências para os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, o artigo configura-se como uma investigação de natureza qualitativa. Segundo Bodgan e Biklen (1994, p. 23), “os levantamentos sociais têm uma importância particular para a compreensão histórica acerca da investigação qualitativa, devido a sua relação imediata com os problemas sociais – situando-se entre a narrativa e o estudo científico”.

Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas, explorando escolhas, mudanças e experiências das professoras sobre a percepção da internalização destes conhecimentos por parte de seus alunos, pois, segundo Amado e Ferreira (2013), tal método é um dos mais importantes instrumentos de compreensão dos sujeitos nas pesquisas científicas nas mais diversas áreas, dessa forma, permite-nos retirar dela informações e reflexões sobre as indagações e permite que as perguntas sejam melhor desenvolvidas conforme o ritmo interativo entre a entrevistadora e entrevistada.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento das professoras, durando em média vinte minutos com cada professora e em seguida foram transcritas. Para

análise dos dados coletados, utilizamos a técnica de análise temática como técnica de abordagem qualitativa. Sendo assim, partimos do tema como conceito central, decompomos o material em partes, descrevendo e interpretando os resultados obtidos. E, a partir da fundamentação teórica, dialogando com o tema e os objetivos, elaboramos a síntese interpretativa. Braun e Clarke (2006)

Os sujeitos da pesquisa foram cinco professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, lotadas em três escolas da rede Municipal de Recife, situadas na RPA quatro, zona oeste da cidade. Segundo Vergara (2000), os sujeitos da pesquisa são elementos que compõem o objeto de estudo, são as pessoas que fornecerão os dados dos quais a nossa pesquisa necessita.

Quadro 1 – Caracterização das professoras entrevistadas

PERGUNTAS	RESPOSTAS DAS PROFESSORAS				
Nome	B. S.	I. R.	D. C.	S. M.	N. N.
Formação	Pedagogia	Magistério/ licenciatura em Letras/Pós em Gestão escolar e Pedagogia Empresarial	Magistério/ Licenciatur a em Ed. Artística/Pó s em Educação	Pedagogia	Pedagogia
Vínculo com a rede	Contrato temporário (CTD)	Professora efetiva	Professora efetiva	Professora efetiva	Contrato temporário (CTD)
Tempo de trabalho em sala de aula	33 anos	13 anos	Mais de 30 anos	13 anos	35 anos
Ano do ensino fundamental que trabalha	3º ano	3º ano	2º ano	3º ano	2º ano
Nome da escola da rede de Recife	E. M. 1	E. M. 2	E. M. 3	E. M. 2	E. M. 2
Qual raça/etnia se declara	Negra	Negra	Branca	Branca	Parda

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Caracterização das professoras entrevistadas

As cinco professoras entrevistadas têm entre treze e trinta e cinco anos de experiência de salas de aula, atualmente estão trabalhando com crianças dos

segundos e terceiros anos do ensino fundamental. São formadas em magistério, pedagogia e algumas com pós-graduação na área de educação.

Com relação a autodeclaração de raça, duas das professoras entrevistadas se declararam brancas baseadas nas características da cor da pele, histórico familiar e descendência da família.

Uma outra se declarou parda, se diz “uma pessoa de pele clara” e o critério que utilizou para a autodeclaração é que se considera uma pessoa “normal” de cor parda. Com base nessa autodeclaração como sendo “normal” nos leva a refletir sobre a busca pela aprovação baseada em uma classificação onde o mais claro é o aceitável, uma hierarquização das tonalidades de pele.

As outras duas professoras se autodeclararam negras com base nas características físicas como o cabelo e cor da pele; uma delas fala da positividade de encarar a cor negra e a aceitação de ser afrodescendente. Apesar de se declararem negras, afirmam que têm experiências de tentativa de embranquecimento por parte de parentes com o argumento de não serem tão escuras, portanto, afirmando que eram “moreninhas” na tentativa de definir uma identidade. Tal definição de identidade é uma tentativa por parte destes familiares de garantir à elas acesso a bens sociais. Nas palavras de Silva (2000):

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.” (p.81)

As relações de poder e privilégios garantidos à determinados grupos sociais, fazem com que as pessoas neguem as identidades na tentativa de diminuir as diferenças sociais. Uma das professoras que se declara negra diz “sou morena, mas morena não é cor, portanto, sou negra”. Já a outra professora que se declara negra, fala que “não aceito ser chamada de moreninha, sou negra e pronto”.

De acordo com o IBGE, o CENSO é realizado com base na autodeclaração de raça/cor, onde pretos e pardos são considerados negros. Com base no levantamento de informações coletadas no CENSO, o governo pode ter acesso a dados que

informam quem são as pessoas que estão ocupando determinado espaço geográfico, quanto recebem e a cor que se declaram. Estas informações são extremamente importantes para a implementação e manutenção de políticas públicas de reparação.

5.2 A sala de aula e discriminação racial

De acordo com três professoras, as salas de aula são compostas por uma maioria de crianças negras e pardas, pois trata-se de uma rede que atende às periferias de Recife, portanto atende à população mais pobre da cidade. De acordo com o relato de outras duas professoras, é difícil falar de cor predominante, pois tem uma sala miscigenada e não gosta de utilizar o termo “raça”.

***Entrevistadora:** Ao olhar para sua sala de aula, qual raça/etnia você considera predominante?*

***Professora N.N. (Contrato temporário – 35 anos de sala de aula - Parda):** Na minha sala não tem isso. Todos são iguais. Predominante mesmo é que todos são crianças e todos são iguais.*

Essa afirmação da professora de que todos são iguais, nos remete ao mito da democracia racial abordada anteriormente. Gomes (2005) afirma que o mito da democracia racial é uma corrente ideológica que nega que no Brasil haja racismo e que há uma igualdade de oportunidades e de tratamentos entre os grupos raciais. Essa negação tem o objetivo de perpetuar estereótipos e preconceitos.

As professoras relataram que nunca presenciaram casos de discriminação entre adultos, mas é comum entre as crianças quando brigam, na tentativa de humilhar o outro, falar que o cabelo é “ruim”, que está bagunçado. Como forma de intervir pontualmente, as professoras chamam para conversar na hora do acontecido sobre o fato para que as crianças que humilharam as outras ressignifiquem e peçam desculpas por ter tido atitude racista com as colegas.

A intervenção pontual é ineficaz pois não constrói um lastro educativo sobre o racismo. Ao intervir no momento, a professora estará apenas mediando um conflito.

Em paralelo à ação pontual, há também uma ação coletiva onde trabalham com atividades que trazem uma reflexão sobre a diversidade racial, etnia, através de literatura infantil e vídeos produzidos pela (EMAD), Escola Municipal Para Aulas

Digitais da Secretaria de Educação de Recife, que trazem vídeos sobre a cultura afro-brasileira.

As professoras consideram que a forma mais apropriada de trabalhar o tema do racismo em sala de aula é através de diálogos, rodas de conversa e através de exposição de situações problemas. Dessa forma, os estudantes colocam as experiências pessoais e opiniões, assim, chegam a um entendimento. Apesar de se fazer necessário o diálogo sobre o racismo, não há muitas literaturas infantis com personagens protagonistas negros, portanto, não citam muitos exemplos de literaturas trabalhadas nas salas de aula.

Entrevistadora: *Qual a forma que você considera mais apropriada para o trabalho com o tema do racismo em sala de aula?*

Professora S.M. (Professora efetiva – 13 anos de sala de aula – Negra): *Eu acho importante ter que falar dessa temática em sala de aula, é uma temática transversal, assim como vários e vários conteúdos, é uma coisa que tem que estar presente, tem que ser combatida sim, é o que a gente vê como reflexo da sociedade, precisa ser falado e precisa ser tratado e precisa ser realmente trabalhado. A gente começa desde o respeito às diversas culturas, ao que a gente tem de herança cultural em todas as áreas, e afrodescendente não é diferente, precisa ter representatividade, precisa ser trabalhado com leitura, literatura, com trabalhos de mostrar mesmo essa diversidade de um povo tão bonito.*

As docentes compreendem a importância de abordar as relações étnico raciais em sala de aula por ser uma temática transversal, pois, de acordo com a BNCC os temas contemporâneos que afetam a vida humana e traz valores sociais, como as relações étnico raciais, devem ser trabalhadas durante todo o ano em todas as disciplinas de forma transversal.

De acordo com as professoras entrevistadas, o trabalho com as crianças é feito com a conscientização do respeito às outras culturas, ao que tem de herança cultural em todas as áreas e a afrodescendente não é diferente, precisa de representatividade. Precisa ser trabalhado com leitura, literatura, com trabalhos que mostrem beleza e a diversidade cultural dos afrodescendentes.

Segundo elas, há bastante literatura infantil na escola, porém há poucos com abordagem racial. Os livros ficam expostos na sala e a leitura é diária. Os alunos levam livros para casa emprestado e devolvem em seguida. Os livros são utilizados em várias situações didáticas: leitura individual, leitura coletiva, elaboração de perguntas sobre o livro lido para um melhor entendimento, rodas de conversa e produções de atividades para exposições. Os estudantes também podem levar seus próprios livros para que sejam lidos em sala, assim, podem trazer opções além das que estão nas salas de aula.

As professoras afirmam que há na escola algumas opções de literaturas antirracistas sobre contos, lendas e histórias africanas. Já sobre os livros de literatura infantil com protagonistas negros são uma opção que as professoras sempre utilizam, porém elas citam poucos exemplos: *O cabelo de Lelê* (1ª ed. 2007) – conta a história de uma menina insatisfeita com seus cabelos, acha num livro possibilidades de arrumar seus cachinhos e fica encantada com o que vê. Se percebe com orgulho de ser o que é com orgulho de sua ancestralidade; *Menina bonita do laço de fita* (1ª ed. 2000) – conta a história de um personagem branco que faz de tudo para ficar pretinha igual a menina bonita; e *As tranças de Bintou* (1ª ed. 2004) – que conta a história de uma menina que não gosta do cabelo curto e preso. Ela quer tranças, mas depois que sua avó faz birotos coloridos que parecem com pássaros, ela desiste das tranças, se aceita e se percebe linda. Estas literaturas são opções que tratam da cor da pele e tipo de cabelo de uma forma lúdica e natural para proporcionar um autorreconhecimento e respeito às diversidades raciais.

As literaturas infantis com protagonistas negros como referências podem contribuir com o autorreconhecimento pois traz vivências humanas e fornece modelos socioculturais específicos, com isso, transmite valores, ideologias e estereótipos que podem favorecer a cultura afrodescendente.

As professoras também citam a opção de utilizar reportagens e revistas com pessoas negras que se destacam no meio social para exaltar o protagonismo negro e a representatividade das crianças, como por exemplo: reportagens sobre o ex-presidente Obama, que foi o primeiro presidente negro dos Estados Unidos e outros homens públicos que foram exemplos de protagonismo negro.

De acordo com a professora D. C. (Professora efetiva – 30 anos de sala de aula – Branca, quando as literaturas infantis com protagonistas negros são apresentadas, as crianças recebem com naturalidade, como qualquer outra história. Alguns se reconhecem nos personagens e quando há alguma circunstância de discriminação, algumas crianças intervêm em defesa da criança que sofreu a discriminação. A professora percebe que o que foi trabalhado em sala de aula com os livros como referências, as crianças internalizaram, aprenderam e trazem de forma prática para suas vidas.

Quando se trata de autorreconhecimento da negritude uma das professoras fala que há uma fuga no uso do termo “moreninho” para que a criança não se identifique como negro, de acordo com Gomes (2005) devemos considerar a dimensão subjetiva, simbólica e, principalmente, a dimensão política para entender a construção da identidade negra no Brasil, pois, é uma tomada de consciência da exclusão e exploração de um grupo étnico-racial que contribuiu culturalmente e economicamente através da exploração do trabalho gratuito.

Entrevistadora: *Você percebe que os alunos pretos se reconhecem nos personagens pretos como referências de protagonismo?*

Professora B. S. (Contrato temporário – 33 anos de sala de aula – Negra): *Não. Eu não vejo assim, existe uma fuga no tal do “moreninho”. É muito difícil ouvir “eu sou negro”, principalmente nessa idade de 8/9 anos. Existe o preconceito da risada e mesmo que a gente tenha o trabalho de conduzir a criança a perceber a questão do preconceito, é muito problemático. Tá no grupo. É trabalho do professor mesmo. Você trabalha em equipe, trabalha em grupo, você pega um negro bota ali e começa a elogiar, mas tem um preconceito. As crianças não se sentem dentro dos personagens. Nunca o negro se sente o herói, na verdade.*

Professora I. R. (Professora efetiva – 13 anos de sala de aula - Negra): *Sim. Eles se reconhecem, mas eu acho que até certo ponto, de eles entenderem que aqueles são protagonistas e que eles também podem ser protagonistas, isso aí já é outra coisa. Essa questão de se reconhecer, é uma questão de saber até que ponto a criança se dá valor, porque quando ela sabe do valor que tem, quando a gente sabe o valor que a gente tem, a gente não só vai buscar isso, não só vai buscar a princesa branca. Eu tenho uma aluna que ela tem um black power e hoje ela tava com ele solto e ela é*

muito autêntica. Ela tem uma autonomia e uma maturidade, que na fala dela, você vê que ela tem um senso de valor. Quando a criança tem um senso de valor, ela já busca diferenças e expressões que caracterizam ela mesma. Não vai buscar algo que ela não é, que não se encaixa, que não tem nada a ver. Se você tem conhecimento de si e conhecimento de valor, aí você percebe que não precisa ir atrás “disso aqui” porque todo mundo vai, eu posso buscar outras referências.

“Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as).” Gomes(2005, p.43)

Hooks (2020) fala que construímos fundamentos necessários para o amor-próprio quando nos vemos e nos aceitamos como somos, e superar a baixa auto estima é essencial para aprender o amor próprio.

Se é importante compreendermos as origens de uma autoestima frágil, também é possível ultrapassar esse estágio (a identificação de como e onde recebemos socialização negativa) e ainda criar uma base para a construção do amor-próprio. Indivíduos que ultrapassam esse estágio tendem a avançar para o próximo, que consiste em introduzir ativamente em nossa vida padrões de pensamento e comportamentos construtivos e positivos. Não é importante que as pessoas se lembrem dos detalhes do abuso. Quando a consequência desse abuso é um sentimento da falta de valor, elas ainda podem se envolver num processo de autorecuperação ao encontrar formas de afirmar o próprio valor. Hooks (2020, p. 76)

O processo de autorreconhecimento é lento e delicado. Segundo as professoras, não ocorre de forma rápida, pois há uma negação do pertencimento a um grupo que historicamente foi marginalizado e o tema deve ser constantemente trabalhado para trazer lucidez sobre os fatos históricos que envolve a dominação e exploração da população negra.

Além da cor da pele, o cabelo crespo também é uma marca identitária, portanto, a abordagem de livros que retratam os cabelos crespos presentes nestas literaturas, é uma oportunidade de exaltar a beleza negra e trabalhar a aceitação do cabelo natural, buscando o resgate da identidade sem a imposição de padrões eurocêntricos. O racismo e o padrão determinado pelo branco estabelecem que o cabelo liso seja visto como “bom” e o cabelo “crespo seja visto como “ruim”. Sendo assim, essas imposições de padrões fazem com que pessoas negras alisem o cabelo para sair desse lugar de inferioridade.

Castro, Oliveira, Pereira (2023. p. 6) afirmam que “A aceitação do seu cabelo natural em todo o seu potencial remete ao empoderamento das pessoas negras que, buscando resgatar a sua identidade, não mais aceitam como dado o padrão de beleza que a sociedade brasileira racista tanto prega.”

Quando a professora I. R. fala no “senso de valor” da aluna que tem o cabelo black power, percebemos que há uma identidade construída com base num pertencimento a um grupo social de referência que não é o hegemônico.

Essa representatividade descrita pelas professoras, é importante para o autorreconhecimento das crianças, pois, Gomes (2005) fala que a identidade é construída através de relações e referências culturais como referências linguísticas, tradições, rituais e características que se refere a um modo de ser no mundo.

Para que as professoras possam trabalhar as questões de autorreconhecimento das crianças e proporcionar um letramento racial crítico é necessário que as professoras estejam preparadas para trabalhar com propriedade essa formação identitária, pois segundo Oliveira e Ferreira (2020):

“É necessário que os profissionais da educação busquem ampliar a sua formação para poder discutir com propriedade o assunto, principalmente com as crianças que estão em fase inicial de formação identitária, para que o processo de (re)construção de identidade(s) de crianças brancas e negras sejam de fato um processo de reconhecimento e aceitação, por um lado, para o reconhecimento de pertencimento racial, e por outro, pela compreensão e pelo entendimento da importância da representação do outro, seja ele negro(a), branco(a) ou indígena.” (p. 85)

O racismo recreativo, como falado anteriormente, é utilizado como forma de entretenimento das pessoas através de piadas e brincadeiras, onde se utiliza de uma piada para hostilizar alguém de maneira a não ser condenada socialmente. Podemos ver esse tipo de racismo no relato abaixo:

Entrevistadora: *Já presenciou alguma situação de discriminação racial entre os/as alunos/as em sala de aula? Pode nos contar como aconteceu?*

Professora I. R. (Professora efetiva – 13 anos de sala de aula - Negra): *Sim. Já presenciei situação de discriminação pelo cabelo. Já teve crianças que eu tive que fazer uma intervenção porque estavam caçoando de uma criança que tem um cabelo crespinho e estava bem bagunçado, segundo eles, tava bagunçado e estavam apelidando a menina.*

Na escola é reproduzido o racismo presente na sociedade. As crianças também utilizam do racismo recreativo para hostilizar as outras crianças através de brincadeiras. Portanto, as ações de abordagem antirracista são importantes para desenvolver nas crianças o letramento racial crítico para que percebam que isso não é brincadeira, é racismo recreativo.

5.4 Desafios e possibilidades docentes para o trabalho com a literatura infantil antirracista

As professoras falam das dificuldades do trabalho com literatura antirracista e citam que o maior problema está no racismo naturalizado que as crianças trazem de casa, tendo uma normalização das falas racistas e a negação da negritude. A professora B.S. (Contrato temporário – 33 anos de sala de aula – Negra) fala que é negra e sabe o peso que tem o racismo e como é difícil lutar contra. Ela fala que algumas crianças atribuem a negritude a algo ruim, algo feio, que é uma coisa muito séria e é difícil combater.

Entrevistadora: *Quais os desafios enfrentados pelo docente para um trabalho com literatura antirracista?*

Professora D. C. (Professora efetiva – 30 anos de sala de aula - Branca): *Eu acho que o maior desafio é desconstruir o racismo nas famílias. Porque, assim, as crianças são racistas por conta dos modelos que elas recebem dentro das famílias. Então, acho que a maior dificuldade é esse trabalho com as famílias. É uma educação antirracista nas famílias.*

As professoras percebem que a literatura infantil é uma ferramenta de grande importância no combate ao racismo, e o autorreconhecimento é um processo lento e trabalhoso que os livros podem ajudar a proporcionar.

Entrevistadora: *Quais as possibilidades percebidas pelo docente para um trabalho com literatura antirracista?*

Professora I. R. (Professora efetiva – 13 anos de sala de aula - Negra): *Mudança de pensamento e fazer com que eles sejam agentes de transformação do pensamento. Eu vejo a possibilidade de conscientização cada vez mais. Que eles sejam agentes de transformação, e aí eles possam falar com propriedade do assunto,*

que o assunto saia da porta da sala e que vá e chegue até em casa, na família, e que eles reflitam sobre o assunto, porque às vezes o assunto tá aí, mas ninguém para pra pensar.

As professoras entrevistadas nunca tinham ouvido a expressão “Letramento Racial Crítico” ou não sabiam do que se tratava. Por se tratar de um tema novo que nunca foi abordado nas formações que elas participaram, mostraram-se curiosas e sabiam que se tratava de algo sobre a leitura do mundo, mas não sabiam o que era. Elas acharam interessante e sugeriram que fosse mais debatido.

Quando perguntadas sobre sugestões de questões para a entrevista, uma das professoras sugeriu uma pergunta sobre a importância da existência de personagens negros na literatura infantil.

5.5 Secretaria de Educação e educação antirracista

De acordo com as professoras, a secretaria de Educação de Recife tem feito formações regularmente com diversas temáticas, como por exemplo, na área de tecnologia, na área de educação étnico-racial, inclusive, com visitas ao museu da abolição e atividades culturais com origem da cultura africana. Há livros disponíveis nas escolas para trabalhar a temática étnico racial como livros de contos africanos e história da África, porém, há poucos livros de literatura infantil que dão suporte na educação antirracista.

As formações com a temática antirracista são de extrema importância, segundo as professoras, são possibilidades de expandir o repertório na luta contra o racismo, pois quem trabalha diretamente com as crianças são as professoras, são elas que estão no dia a dia e o racismo é tão arraigado que o combate precisa ser constante e a escola é a primeira sociedade que a criança³ vai estar. Ferreira e Gomes (2019) falam sobre a importância da formação de professores para uma sala de aula antirracista que proporcione um letramento racial crítico às crianças:

“o letramento racial crítico possibilita que a professora e o professor reflitam sobre questões raciais dentro de seu próprio contexto de sala de aula e, a partir do momento que refletem a respeito, também permitem que seus alunas/os tenham consciência de sua própria identidade racial. Tal consciência permite que a aluna e o aluno se vejam representados em vários

³ Refiro aqui crianças em contexto de família nuclear, pois no caso de crianças em contextos comunitários de cuidado as possibilidades de acesso à experiências sociais diversificadas se coloca desde cedo.

contextos. Quando pensamos em formação de professoras/es, temos que pensar nos materiais utilizados por esses professoras/es e, na maioria deles, é difícil encontrar pessoas negras como protagonistas. Ao trabalhar com letramento racial crítico, você possibilita que as pessoas se vejam e percebam a ausência de representatividade nos materiais e na mídia também. Você passa por um outdoor ou uma banca de revista e vê uma ausência de representatividade de negras/os nas imagens e capas dos produtos. (FERREIRA;GOMES, 2019, p.125)

Além dos livros físicos das escolas, a secretaria de educação de Recife disponibiliza para seus alunos e servidores o acesso à plataforma de leitura digital “Arvore de livros” onde o leitor acessa através de um login composta por as letras REC + nº da matrícula, cadastra uma senha e tem o acesso liberado para ler mais de cinquenta mil títulos entre revistas, jornais e livros. Pesquisando nessa plataforma, encontrei muitos livros que abordam a temática das relações étnico raciais, porém, encontrei pouquíssimos livros de literatura infantil que trazem personagens protagonistas pretos indicados para os anos iniciais do ensino fundamental.

No último ano, em novembro de 2022, tido como o mês da consciência negra, algumas ferramentas foram oferecidas pela Secretaria de Educação do Recife para apoiar as professoras e estudantes pedagogicamente através de conteúdos que discutem sobre políticas afirmativas de reparação, combate ao preconceito e discriminação racial, para que utilizem em salas de aula como recurso. No ofício circular nº 236/2022 enviado às escolas no dia 21 de novembro de 2022, a secretaria de educação divulgou links de aulas online preparadas pela (EMAD), Escola Municipal Para Aulas Digitais, para escolas de Educação Infantil, Ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

As aulas são divididas entre modalidades e os conteúdos produzidos para os anos iniciais do ensino fundamental são vídeos com temáticas relacionadas à construção de uma sociedade antirracista e abordam temas como: afoxé, maracatu, afrodescendência, máscaras africanas, quilombos, samba, contos africanos, movimento e resistência, brincadeiras e culinária africana.

6. CONCLUSÃO

Nessa pesquisa buscamos ferramentas utilizadas por professores para realizar atividades que podem proporcionar o letramento racial crítico de crianças através de literaturas infantis, para isso foram entrevistadas cinco professoras dos anos iniciais de Recife onde foi possível coletar dados através de uma entrevista semiestruturada.

Pudemos concluir que a escola tem um papel muito importante na construção de uma sociedade antirracista, pois é nela que as crianças podem ter acesso a práticas pedagógicas que promovem uma igualdade racial, conhecendo a história e a cultura africana e afro-brasileira, sendo capaz de superar os preconceitos raciais.

Partindo da ideia de que uma educação antirracista pode proporcionar um letramento racial crítico, onde os alunos desenvolvam a capacidade de identificar práticas e códigos racializados, percebe-se que a luta contra o racismo e a construção de uma sala de aula antirracista é uma possibilidade na rede de Recife, pois, há formações continuadas para professores sobre a temática e há também o incentivo com materiais didáticos, porém, apesar de ter e livros que abordam a valorização da cultura africana como também história da África, há poucos livros de literaturas infantis com protagonistas negros.

Através da formação básica universitária, temos acesso a estudar diversos textos que abordam sobre como o racismo interfere na organização da sociedade e na vida das pessoas, onde a cor da pele pode determinar as oportunidades que serão dadas; sobre a importância dos movimentos sociais para reivindicar os direitos através de políticas públicas como forma de reparação para as chamadas “minorias”.

As professoras sentem dificuldades de construir uma sala de aula antirracista, pois a (re)construção de uma identidade racial é um processo delicado e lento, que precisa de tempo e um trabalho contínuo em sala de aula. Pois como vimos, o conceito de raça é um elemento político que é utilizado para naturalizar desigualdades. O racismo naturaliza a condição dos privilégios dos brancos e a exploração e subalternização dos negros, onde o homem branco é o padrão e os demais são inferiores. Essa hierarquização é feita não só baseada na cor da pele como também nas características como tipo de cabelo, língua, costumes e religião.

A formação de professores proporciona uma ampliação do conhecimento para que possam discutir com propriedade sobre identidades raciais e racismo, proporcionando um processo de construção e reconstrução das identidades das crianças, de pertencimento racial. Os professores da rede de Recife recebem formações regularmente com temas diversos. Estas formações têm o objetivo de aumentar o repertório dos professores para que possam abordar o tema com mais conhecimento. O termo “letramento racial crítico” é desconhecido pelas professoras

do Recife, porém, elas se mostram bem conscientes da importância de seus trabalhos na construção de uma educação antirracista.

Destacamos que para promover o autorreconhecimento e valorização da afrodescendência, os professores utilizam livros com protagonistas pretos e realizam atividades como leitura coletiva, leitura individual, debates e atividades de artes com o objetivo de promover o letramento racial crítico de crianças através das literaturas infantis buscando um empoderamento sobre suas identidades raciais. Estas atividades são desenvolvidas durante todo o ano letivo e as crianças colocam em prática o que foi aprendido sobre a luta contra o racismo quando há conflitos entre elas e há algum episódio de discriminação.

Através do trabalho antirracista com literaturas infantis que exaltam o protagonismo negro, percebemos várias possibilidades como proporcionar o autorreconhecimento, a valorização da negritude e a possibilidade de as crianças serem multiplicadoras antirracismo, pois se reconhecem como pertencentes a um grupo racial e percebem sua importância na luta contra o racismo.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. . Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

AMADO, João; FERREIRA, Sónia. A Entrevista na Investigação Educacional. In: Manual de Investigação Qualitativa em Educação. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. Investigação qualitativa em educação. Trad. Maria João Alvarez. Portugal: Porto, 1994. p.15 a 51.

BRASIL Lei Nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça e de cor. Brasília, DF. Diário Oficial da União, 1989. Disponível em < [L7716 \(planalto.gov.br\)](http://L7716(planalto.gov.br)) > Acesso em 07 de set. 2023.

CASTRO, Amanda Motta; OLIVEIRA, Elina; PEREIRA, Gabriele. Educação antirracista e resistência: o cabelo como posicionamento político. Revista Pedagógica, v. 23, p. 1-18, 2021. Disponível em < <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/6293> > Acesso em 04 de mar. 2023.

DE OLIVEIRA, K.; FERREIRA, A. de J. Literatura Infantil Como Meio Articulador do Letramento Racial Crítico em Sala de Aula. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 33–45, 2020. DOI: 10.46230/2674-8266-11-2910. Disponível em: < [Vista do Literatura Infantil Como Meio Articulador do Letramento Racial Crítico em Sala de Aula \(uece.br\)](http://Vista do Literatura Infantil Como Meio Articulador do Letramento Racial Crítico em Sala de Aula (uece.br)) >. Acesso em: 23 out. 2022.

FERES JÚNIOR, J.; NASCIMENTO, L. F.; EISENBERG, Z. W. Monteiro Lobato e o politicamente correto. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 56, n.1, jan./mar. 2013. Disponível em < [Revista Dados 56 nº 1 - Sciel... \(scielo.br\)](#)> Acesso em: 08 set. 2023.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; GOMES, Cássio Murilo Lourenço. Letramento Racial Crítico. *UniLetras*, v. 41, n. 1, p. 123-127, 2019. Disponível em < [Vista do LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO \(uepg.br\)](#)> Acesso em 23 de outubro de 2022.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Entrevista #02: Aparecida de Jesus Ferreira*. Entrevista concedida ao *Pássaro Liberto*, 2019. Disponível em: <https://passaroliberto.home.blog/2019/04/03/entrevista-02-aparecida-de-jesus-ferreira/>. Acesso em 08 de set. de 2023.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de Línguas Revista da ABPN• v, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014. Disponível em <TEORIA-RACIAL-CRÍTICA-E-LETRAMENTO-RACIAL-CRÍTICO.pdf (smeduquedecaxias.rj.gov.br)> Acesso em 23 de outubro de 2022.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade: Brasília 2005. p. 39-62. Disponível em< [vol2antirac.pdf \(geledes.org.br\)](#)>. Acesso em: 29 de outubro de 2022.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

MUNANGA, Cabengele. Negritude. Usos e sentidos. Belo Horizonte. Autêntica. 2009.

MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, A. da S. (2021). Racismo e formação da identidade racial na literatura infanto-juvenil: Uma análise de Flicts e Pretinha, eu?. *Entheoria: Cadernos De Letras E Humanas* ISSN 2446-6115, 5(1), 35–52. Recuperado de <https://journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/2140>. Acesso em: 29 de outubro de 2022.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura?. São Paulo: Brasiliense, 2006. - -(Coleção primeiros passos ; 110)

SCHUCMAN, Lia. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana in São Paulo. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>> Acesso em: 23 de outubro de 2022.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 29 mar. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000